

“IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO NEGRO FEMININO”: TRAJETÓRIAS, ARTES E MOVIMENTOS SOCIAIS – ENTREVISTA COM CARMEN KEMOLY

Antonio Andreson de Oliveira Silva¹
antonyoandreson@gmail.com

No decorrer de dezembro de 2021 tivemos a oportunidade de entrevistar Carmen Kemoly. Como ela bem dirá, muitas vezes, uma entrevista carregada de ‘*atravessamentos*’. Kemoly narra sua história, seus conflitos com sua identidade negra, da infância ao empoderamento, identificando atores e instituições que corroboraram ou não para esse processo.

Durante sua experiência, é notório reconhecer as dificuldades que enfrentou por ser uma mulher negra do nordeste, ocupando lugares tão difíceis dado o contexto branco e elitizado. Artista em suas transformações, nossa entrevistada mostrará que a arte da poesia, *hip-hop*, música e movimento serviram de linguagens para resistir!

Para o deleite de todos, podemos sentir muito do que passamos dentro da esfera estudantil, os desafios para sobreviver aos ataques na(da) Universidade, tal como sua importância nesse processo de desconstrução e reconstrução da identidade negra em nós e no mundo. Boa leitura e autoidentificação!

¹ Graduado em Ciências Sociais (Licenciatura) pela Universidade Federal do Piauí. Mestrando em Antropologia pela mesma instituição. Desenvolve pesquisa relacionadas com diversidade cultural: religiosidade, gênero, sexualidade e raça-etnia na área das Ciências Sociais e Educação.

Zabelê: Quem é você Carmen, fale um pouco da sua trajetória, o que você estuda como foi um pouco desse processo.

Carmen Kemoly: É, então.. meu nome é Carmen Kemoly tenho 30 anos e sou natural da Fronteira, sou de Timon na verdade e foi na Fronteira do Piauí com o Maranhão, estou aí aqui no Rio de Janeiro, mas sou natural dessa Fronteira, e passei toda minha vida aí, enfim, estou aqui poucos anos, mas vou fazer a ordem cronológica pra eu também não me perder. A minha família paterna e a minha família materna tem profundas raízes africanas assim na cidade de Timon e eu só fui descobrir isso o bem tarde, então isso também são coisas que me componha, minha família paterna de território quilombola na cidade de Timon chamado Quilombo do Monteiro, é o único quilombo da cidade de Timon (MA) oficializado pela fundação Palmares e a minha família materna é de religião de matriz africana, a casa que eu moro lá em Timon, até hoje foi o terreiro do meu bisavô então a gente mora em cima desse fundamento, e tudo isso para fazer muitos sentido pra mim muito tarde, depois dos 21 anos, já na universidade quando eu comecei a me reconhecer enquanto mulher negra e participar dos movimentos estudantis e sociais, logo que entrei na universidade, sempre trabalhei em Timon mesmo, estudei até os 14 anos e vou para Teresina-PI estudar o ensino médio e depois faço UESPI, Comunicação, cheguei a fazer nutrição na (UFPI), mas só fui até o quarto período, aí me formo em comunicação social na UESPI, muito forjada nas lutas, de movimentos eu acho que a gente tinha que dizer que a gente passou muito mais tempo fora das salas de aula do que tem então isso é uma parte muito importante da minha, do que se transformou também na carreira profissional depois e aí finalizo o curso na UESPI com um Livro Reportagem de Timon, falando justamente de 3 comunidades negras na cidade de Timon, que é o livro “Timon negra, vida e cultura” em comunidades negras da cidade de Timon-MA, que vai ser publicada agora em janeiro pela Lei Aldir Blanc, essa Lei saiu antes da pandemia, e me formo bem desgastada com os movimentos estudantis, já estava bem dentro dos movimentos negros, participando bastante movimento Hip-Hop, aí no fim do culto já começa com estar bem por dentro, quando eu saio jornalista, mas também rap, poeta e grafiteira, é por causa desses movimentos e aí me interessei pela pesquisa nesse processo de autor reconhecer, minha pesquisa é autobiográfica até hoje, mesmo já estando no Doutorado, ai vou nesse fluxo de ampliar assim as visões também para um lugar em que pudesse ter mais contato com o audiovisual quando a mestrado no Rio de Janeiro, na UFRJ, continuando a minha pesquisa autobiográfica, mas dessa vez, trabalhando com documentos e tal, do meu tataravó, e dentro dessa pesquisa, passo no doutorado em 2020, no começo da pandemia e agora estou fazendo meio que remoto que é uma continuação dessa pesquisa. [...] mas também sou jornalista e tenho trabalhado com isso bastante a quase 2 anos e a minha vida tem-se composta nestas linguagens.

Zabelê: E nesse processo de reconhecimento de mulher negra, como você visualizou esse processo foi claramente, como se deu ao longo da sua vida...

Carmen Kemoly: Nossa...muitos atravessamentos, mas é tudo isso mesmo, eu venho do Bairro São Benedito em Timon-MA, que é um dos bairros mais antigos assim que foi o meu bisavô que montou o terreno quando ele montou o terreiro não tinha nada no bairro, eu lembro quando era pequena era chão de Terra, chão batido, graças a ele, e a gente foi pro bairro e ele foi crescendo e a gente foi percebendo que o bairro era no centro da cidade, quando eu comecei a fazer o meu TCC, esse livro reportagem. Primeiro eu queria fazer falar sobre comunicação comunitária e depois eu fui compreendendo que estudar a cidade, e comunidades negras, perpassava por conhecer a minha história e fui afunilando e eu não tinha direcionamento nenhum assim como pesquisar na UESPI, mas a UESPI ela tem muitos problemas na pesquisa e na extensão e era nossas principais pautas, a gente se apegava ali com o pessoal justamente da educação pelos meios do Barros tava ali com a gente proporcionando, pessoal do gestores, júri popular, tem o CAJUINA da UFPI, sempre estava muito com eles, pois para a gente na comunicação mesmo não tinha esse lance da pesquisa e na universidade. [...] Eu acho que demorei 3 anos pra fazer o livro reportagem que eu deveria ter feito em uns 6 meses eu fui me apaixonando pela pesquisa, quanto mais eu caçava, mais aparecia e quando eu terminei reportagem sobre as comunidades eu vi que não tinha, não tinha o que eu tinha coletado... não não tinha em outro lugar, em nenhuma biblioteca, até coloquei no final que o meu livro contribuiria para a Lei 10.639 e deveria estar nas escolas, então já era um objetivo desde lá atrás de reconhecer de que era um produto que tinha dado trabalho, estava bem feito e que ele deveria é ficar nas escolas e aí comecei a entrar em contato e buscar divulgações com o pessoal da coordenadoria de igualdade racial da cidade, equipe do Direitos Humanos, e começou a fazer articulações. Hoje o objetivo da gente é fazer que essa pesquisa esteja mais e mais nas escolas e aí tive a surpresa do novembro negro agora de que alguns professores né também me pediram livro e fizeram, fizeram super trabalho de colocar em diversas disciplinas [...] eu acho que é justamente essa multidisciplinaridade que a gente ver muito na universidade a gente tá separado dos nossos blocos, mas que eu acho que é um caminho para a gente fazer com que com que o dentro decorrer de quase 20 anos, reverter educação ainda muito eurocêntrica numa história mais voltada para o povo preto.

Zabelê: Qual é o lugar da arte na sua vida, no que você busca comunicar, nas questões que são ecoadas a partir do seu trabalho, identidade e negritude?

Carmen Kemoly: Eu sempre digo que foi a arte que me salvou! quando eu sabia que eu precisava procurar ajuda psicológica e eu achava que não era necessário, porque esse entendimento também de que as pessoas negras, tem a saúde mental destruída desde quando elas nascem, elas precisam de ajuda desde cedo, esse entendimento também é muito recente. E pra mim eu não queria ir, na minha cabeça era uma coisa passageira, todos os pensamentos, de ver pessoas indo para um lugar e eu enquanto pessoa negra no mesmo lugar, de outras pessoas entrando na universidade, é tendo que tomar outros caminhos, e compreendendo o que é que está acontecendo comigo, enquanto mulher negra perseguida politicamente também preocupada em ocupar a reitoria, ser frente do movimento, tudo isso foi impactando a minha saúde mental, por isso que eu digo que eu fui saindo do movimento estudantil e fui sendo acolhida no movimento negro porque era lá em que me sentia mais confortável com as pessoas é conhecendo as quebradas de Teresina de norte a sul, extremo sul, extremo norte, Santa Maria da Codip, Vila São José, Dirceu ... foi nesses lugares em que eu pude encontrar as pessoas que eram iguais a mim, elas só não estavam dentro da universidade e foi fazendo artes junto com elas que eu pude não estar em outro lugar! [...] Fui ao grafite, e a escrita e a música foram 3 linguagens assim que foram me salvando todas as vez que eu pensava que iria cair, eram essas linguagens pretas que me levantavam e aí por isso que eu acho que a minha música é muito autobiográfica também, mas não apenas da minha pessoa, mas de todos os momentos que estava passando, 2018 já era governo fazendo música em estúdios independentes o rap ainda não era essa potência nacional que está se tornando hoje, então não era legal fazer rap naquela época e aí foi foram essas linguagens que foram salvando a minha saúde mental, e salvam até hoje como escape, como respiro, como um lugar que posso ser eu mesma também, que eu também posso falar de um outro jeito que não seja a linguagem acadêmica e as pessoas vão me compreender, quem realmente o público que quero que realmente me entenda, a arte pra mim ela tem esses lugares, muita posição política é de saúde mental.

Zabelê: Como se deu sua relação com a política e compreender essa importância para sua identidade? Como se deu sua relação com os movimentos sociais durante essa sua construção?

Carmen Kemoly: Quando eu comecei a realmente entrar de cabeça no movimento negro .. que eu comecei a conhecer e pá ... foi ali de 2012 para 2013, no “contra aumento” a gente já estava muito na pegada do centro fazendo parte de uma luta muito necessária, mas eu lembro que foi ali no... porque a gente vive uma conjuntura nacional muito pesada, a gente foi ali e teve impeachment teve as “jornadas de junho” então a gente vinha de todo esse desgaste, a gente dentro do movimento estudantil tinham o que é a estrutura da política mesmo tem os cargos e estes cargos estão sendo sempre as pessoas brancas e tem as panelinhas políticas e os grupos coletivos políticos então a gente começou a compreender que existia muitos de cooptação, em um sentido que às vezes querer levar ali aquela massa estudantil para alguns lugares que já estavam pré-estabelecidos e às vezes a gente não queria ir, então existia essas ações ... existia uma disputa muito muito grande na época entre os movimentos estudantes não era uma massa unificada, tava ali entre ANEU E UNE, estavam surgindo muitos coletivos e eu não me reconhecia em muitos deles, não era a minha pegada e aí foi quando eu encontrei um movimento negro, já existia esse desgaste ruim porque a conjuntura nacional, já não estava favorável, então a forma também de fazer militância... fazia muito mais sentido eu fazer militância a partir do movimento negro do que a partir dos movimentos universitários, que me levava para um lugar que já estava saturado, mas já estava com um movimento de direito a cidade, movimento de sem terra e sem teto, participava também desses movimentos, mas muito pela via universidade, e indo pelo movimento negro a gente ia pela via da auto-organização, do nós por nós, e era uma linha que conseguia dialogar, da Independência política também pra gente pautava que eu sempre nunca fui partidário, nunca participei de nem um coletivo a não ser de alguns coletivos ali mesmo dentro da comunicação, mas estava inserida, participava de coisas do PSTU, PSOL, no fórum de transporte as vezes a gente tinha contato até com o PT tentando organizar a luta, e foram muitas decepções, eu lembro que no “contra aumento” foi um divisor, um super divisor de águas, porque a gente era super jovem e estava inserido numa luta muito grande a gente colocou ele também pra 35 000 mil pessoas na rua, parou a (avenida) Frei Serafim, parou a Ponte Estaiada e quem tava tocando era a gente, era a gente que se organiza no fórum e decidia que se a gente apanhou no outro dia a gente ia levar flores para os policiais, a gente que decidia as coisas com uma série de pessoas e movimentos múltiplos, foi o momento em que a cabeça deu uma explosão e a luta não foi mais a mesma desde então, tanto que a passagem (de ônibus) passou 4 anos sem aumentar, por causa desse dessa época, mas aí eu fui me sentindo mais confortável e vendo que a minha palavra, as minhas ações elas faziam mais sentido pelo movimento negro junto com a arte, porque era quando eu entrei, era muito falado nisso, que o movimento estudantil era um pouco sizudo, no movimento negro não, a gente fazia política cantando, fazia política dançando, a gente fazia política por meio de outra visão, e como eu já vinha adoecida desse processo universitário ... me encontrei muito e me encontro até hoje ainda é a via que eu prefiro atuar.

Zabelê: Como você ver o papel da universidade na luta para o reconhecimento da negritude?

Carmen Kemoly: Eu falo, falo, falo da universidade, mas tá ali, desde 2009 nunca saiu! Justamente por causa disso, qual é a luta?! de ocupar todos os espaços, a universidade é um espaço de poder, mesmo sabendo que é um ambiente tóxico muitas vezes, que seja um ambiente muito difícil ... sem assistência estudantil, pior ainda, é, sem cotas pior ainda! Eu sou da primeira turma de cotas da UFRJ do mestrado, não tinha inclusive professores, que hoje em dia, levanta a Bandeira, já votaram contra as cotas no passado então assim muitas mascaras já caíram [...] mas a universidade ela já me deu muitos acessos assim eu tenho plena consciência disso e eu sei que ela dá para muitos jovens negros que foram entrando por causa das políticas afirmativas que é uma luta histórica reparativa, movimento negro enfim, então não é um ambiente que eu não respeito, tem muitos companheiro de luta que não querem universidade, eu aprendi a respeitar essas pessoas porque a gente vai precisar de pessoas em todas as frentes. A arte na política institucional, dentro da universidade porque o racismo é estrutural, está estruturado em toda em toda a sociedade, então a gente vai ter que ir ocupar para ver se transforma! [...] não basta apenas a gente entrar dentro dela se ela continua com a mesma estrutura de currículo, a mesma carga que ela carrega historicamente, da mesma forma que tem que ter pessoas para ajudá-las para falar assembleia na Câmara municipal no Senado enfim [...] A universidade ela ainda lhe coloca em um outro lugar e porque alguns companheiros não queiram ir, mas até a mestra Janja me falou: “não! você tem que dizer para os seus companheiros que eles tem que ir sim! Que tem que ocupar sim! Da mesma forma que você está ocupando! mas respeitar, mas sabendo que vamos ter que ir lá resgatar esse conhecimento que é nosso e transformar o que fizeram da gente e vai ter que ser por dentro mesmo!

REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI

REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI